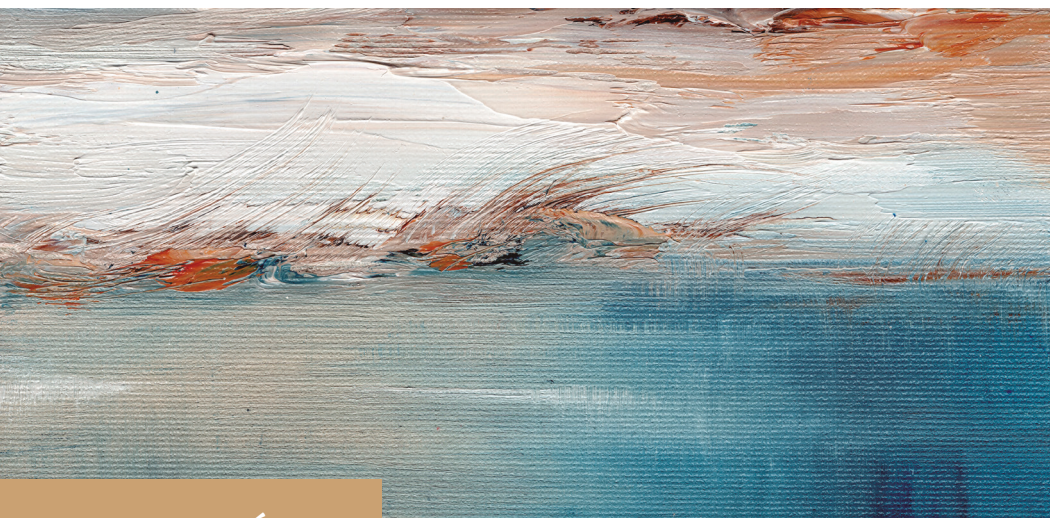


Arnaldo Chuster



PSICANÁLISE

Linguagem de alcance psicanalítico

A diferença transcendental em W. R. Bion

Blucher

série Academia de
Psicanálise

LINGUAGEM DE
ALCANCE PSICANALÍTICO

A diferença transcendental em W. R. Bion

Volume 1

Arnaldo Chuster

Linguagem de alcance psicanalítico: a diferença transcendental em W. R. Bion

© 2024 Arnaldo Chuster

Editora Edgard Blücher Ltda.

SÉRIE ACADEMIA DE PSICANÁLISE

COORDENADORA MARINA F. R. RIBEIRO

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenador editorial Rafael Fulanetti

Coordenação de produção Andressa Lira

Produção editorial Kedma Marques

Preparação de texto Regiane da Silva Miyashiro

Diagramação Thaís Pereira

Revisão de texto Bruna Marques

Capa Laércio Flenic

Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,
conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico
da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira
de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios sem autorização
escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Chuster, Arnaldo

Linguagem de alcance psicanalítico: a diferença
transcendental em W. R. Bion. / Arnaldo Chuster
- São Paulo: Blucher, 2024.

352 p. (Série Academia de Psicanálise / coord.
de Marina F. R. Ribeiro)

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2217-0

1. Psicanálise 2. Bion, Wilfred Ruprecht, 1867-
1979 I. Título II. Ribeiro, Marina F. R. III. Série

24-4170

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:
1. Psicanálise

Conteúdo

Introdução	15
1. Linguagem de alcance psicanalítico – Uma diferença transcendental: um diálogo com Meg Harris Williams	19
2. Capacidade negativa: um conceito fundamental na vida de um psicanalista	35
3. O longo alcance da psicanálise: um ensaio curto sobre a memória do futuro	49
4. A teoria do pensar e a memória do futuro em W. R. Bion: traços de uma futura revolução no pensamento psicanalítico	69
5. Sonhar o futuro com licença poética	93
6. Cem anos da Semana de Arte Moderna 1922/2022: do efeito apotropaico ao ato antropofágico e a técnica apofática	115

7. Sobre possessividade	133
8. A personalidade irascível: considerações sobre o <i>splitting</i> entre o gênio e o temperamento	139
9. Um inevitável choque entre linguagens: cartesianismo <i>versus</i> complexidade ou linguagem de substituição <i>versus</i> linguagem de alcance psicanalítico	169
10. A complexidade e a clínica psicanalítica	185
11. O ponto ômega	205
12. Entre memórias do passado e memórias do futuro	209
13. A clínica em Bion: uma clínica da complexidade	233
14. Os três princípios de vida	273
15. Evidência: uma releitura	293
16. Reverência e temor reverencial: releitura e comentários	307
17. W. R. Bion 1979 – Como tornar proveitoso um mau negócio: tradução comentada	315
Referências	335

Introdução

A iniciativa de realizar uma versão em português do livro lançado nos Estados Unidos, *Language of Psychoanalytical Range: Bion's transcendental difference* (2023), atendeu aos muitos pedidos de colegas brasileiros não familiarizados com o idioma inglês. Todavia, algumas considerações, acréscimos e modificações foram necessárias para compor a versão em português. Sobretudo, tomei a decisão de acrescentar trabalhos que foram produzidos ao longo de 2023, pertinentes ao tema, e que não constam do volume em inglês. Praticamente, tornou-se um novo livro sobre o tema.

O problema central do livro, como na versão em inglês, continua em torno da expressão que se encontra no texto *Atenção e interpretação* (Bion, 1970), *language of achievement*, que teve em português duas versões; inicialmente, a de linguagem de êxito, e, depois, linguagem de alcance.

Muitas pessoas deduzem que a expressão *language of achievement* seja proveniente do poeta Keats, por estar relacionada a uma carta escrita a seu irmão, em que ele menciona o conceito de capacidade negativa (*negative capability*), e a qualidade de quem a possui na literatura como *man of achievement* (homem de sucesso). Keats a exemplifica

com a imensa figura histórica de Shakespeare, o indivíduo capaz de produzir com sua obra uma alteridade de longo alcance e durabilidade para a humanidade.

Todavia, como a expressão *language of achievement* não consta dessa carta, tudo leva a pensar que foi criada por Bion, em contraposição ao que ele chamou de *language of substitution*. Uma diferença importante entre as duas se refere ao fato de que a primeira gera *pensamento*, enquanto a segunda se estanca como *conhecimento*.

Em outro sentido, podemos pensar na diferença entre uso de metáforas e metonímias, uma vez que estas últimas são linguagem de substituição e, as primeiras, de alcance. A diferença está em Bion na força de prelúdio e ação que tem a *linguagem de alcance psicanalítico*, e sua origem em uma matriz amorosa (*loving matrix*).

Como ambas as linguagens se referem ao contexto psicanalítico, e obviamente Bion não está dentro do escopo literário, pareceu-me mais plausível traduzir a expressão de Bion por linguagem de alcance psicanalítico. Poderia também traduzir a expressão *language of substitution* como *linguagem saturada de conhecimentos*, entretanto, preferi manter o termo original. Talvez em outra ocasião discuta essa linguagem com a mesma amplitude.

O presente livro foi desenvolvido a partir do conceito de linguagem de alcance psicanalítico e se constitui de uma coleção de textos que apresentei em diversos lugares e ocasiões, nas quais o tema esteve de algum modo sempre presente.

O problema central subjacente que procuro apresentar segue, no meu entender, a principal diretriz da *Teoria do pensar* de Bion (1962), ou seja, estabelecer uma crítica sobre a forma de pensar que ainda é muito vigente, que faz parte arraigada da essência da cultura psicanalítica e, sobretudo, tem uma longa história produtiva. Essa crítica pretende introduzir o novo paradigma na psicanálise que penso ter sido trazido por Bion. Não podemos deixar de indagar também se

esse novo paradigma se expressa ou favorece uma forma distinta de linguagem interpretativa.

Trata-se, em resumo, de passar do estatuto teórico do objeto simples, herança científica presente desde os primórdios da psicanálise que acrescentou, e ainda acrescenta, de forma bem-sucedida muitos conhecimentos, para o estatuto do objeto complexo, que emerge mais claramente no mundo científico a partir do final do século XX. Como principal referência, utilizo o pensamento de Edgar Morin.

Em outras palavras, o presente livro irá abordar os fundamentos da passagem de um contexto ontológico e epistemológico de causa e efeito bem estabelecido, para um contexto em que as relações investigadas estão pautadas pelo *princípio da incerteza*, e conseqüentemente, pela introdução de uma *teoria da complexidade* na psicanálise.

A questão não é a de simples uso de uma metáfora científica proveniente da física quântica, pois o próprio Bion admite que o primeiro autor do princípio da incerteza foi Keats. Portanto, não se trata da mera transferência de conceitos de outras disciplinas para a psicanálise. Trata-se da afirmação categórica de que o princípio da incerteza é, antes de tudo, próprio ao pensar, e, portanto, não importa a disciplina onde emerge. Trata-se de um princípio que se abre para outros princípios, que nomeei em diversos trabalhos de ético-estéticos, e que geram um *looping* autopoietico. A questão é, portanto, a capacidade de criar ideias e encontrar uma linguagem de alcance psicanalítico para expressá-las.

Bion expressou, em diversas ocasiões, sua preocupação com o problema para se transitar de um pensamento tradicional para um pensamento que incorpora ideias novas. Esse é também um problema tanto da teoria como da clínica psicanalítica.

Citando Max Planck, Bion (1970) nos lembra que uma nova verdade científica triunfa não porque seus eventuais opositores a aceitam, mas porque morrem e uma nova geração acostumada com a nova ideia cresce convivendo com ela.

Certamente, que não podemos esperar tão radicalmente para poder entender o revolucionário da psicanálise em nossas vidas, mas precisamos estar atentos para as dificuldades trazidas pelo luto de alcançar um saber mais além do que tínhamos, e que conduz a deixar de ser quem se era até então. Esse tipo de luto pode causar dificuldades no progresso do processo psicanalítico.

As questões que trago neste livro podem ser expandidas para diversas direções. Uma delas mostra que o psicanalista lida com problemas difíceis herdados de outras disciplinas que forneceram modelos. A teoria da complexidade estabelece com esses problemas não mais uma dialética, nem mesmo um diálogo, mas uma *dialógica*.

O modelo médico, por exemplo, se destaca e se insere intensamente nesse contexto dialético, com sua utilidade e experiência de milênios em lidar com o sofrimento humano. Todavia, o modelo médico tem e traz seus limites e suas fronteiras de ação para a psicanálise. Por essa razão, a psicanálise precisou criar ideias e ir bem mais além dos modelos médicos para lidar com os sofrimentos psíquicos, e foi nesse sentido que surgiu a revolução freudiana.

Nas páginas que seguem, espero poder dar ao leitor alguma ideia de como a plena revolução da psicanálise ainda está por vir, de quão intensa é a sua possibilidade revolucionária no futuro e de como a sua linguagem pode ter alcance e durabilidade dentro das pessoas, pois trata de uma comunicação verbal que é fonte de crescimento, saúde e melhoria da qualidade de vida psíquica.

1. Linguagem de alcance psicanalítico – Uma diferença transcendental: um diálogo com Meg Harris Williams

Diferenças de vértice são uma consequência inevitável de qualquer diálogo sobre vínculos entre áreas que escapam de definições únicas e até mesmo descrições, como são os vínculos entre psicanálise e poesia.

Desse modo, meu trabalho começa por um vértice ligeiramente diferente de Meg Harris Williams, ou, talvez seja apenas complementar ao dela, ou ao de Bion, que ela menciona ter considerado “os poetas românticos como sendo os primeiros psicanalistas”.¹

Ela também afirma que “Bion estava reverberando Freud, porém, de forma mais empática”. Penso que não se trata de “forma mais empática”, mas, reverberando a empatia de Freud por outros vértices. A empatia de Freud é inigualável. Como disse Bion (1970, p. 11), “o pensamento que se desenvolveu com a psicanálise conduziu a descobertas não efetuadas por Freud, mas que mostra configurações semelhantes às descobertas que ele tinha feito”.

1 Trabalho apresentado na Sociedade psicanalítica do Rio de Janeiro, em reunião científica no ano de 2022.

Para ampliar minha hipótese, inicialmente levei em consideração as sutis igualdades e diferenças entre o romantismo inglês² em Bion e o romantismo alemão³ em Freud. Entendo que o romantismo alemão inspirou as passagens mais artísticas, emocionais e reconhecidamente poéticas de Freud, por exemplo, “a sombra do objeto caiu sobre o ego”, “os sonhos são a via regia para o inconsciente”, “Onde o Id era eu devo vir a ser”, “Há muito mais continuidade entre a vida intrauterina e a primeira infância do que a impressionante cesura do nascimento nos permite acreditar”.

No entanto, Freud (1926), numa entrevista para o New York Times, firmemente considerou Nietzsche como sendo o primeiro psicanalista. Freud disse que ninguém compreendeu tão bem como o filósofo o problema dos dois princípios de funcionamento mental. Após afirmar isso, Freud cita Nietzsche em *Assim falou Zaratustra*: “A dor grita; Vai! Todavia, o prazer quer eternidade pura, profunda eternidade” (Nietzsche, 2018).

O jornalista imediatamente rebate: “o Senhor também é um poeta”. Freud não negou, tomou como um elogio e asseverou a enorme troca e contribuição entre a psicanálise, a poesia, e a literatura.

Com esses pensamentos e diferenças em mente, indaguei-me: a origem da psicanálise é a poesia ou a filosofia?

Sabemos que, desde tempos remotos, a filosofia viu-se tentada pela poesia. Para Platão, a sedução poética era tão grande que ele se sentiu obrigado a expulsar a poesia de sua *República* filosófica. Porém Sócrates não fugiu dela, envolveu-se e declarou sua participação como essência na educação de um Homem. Aristóteles preferiu domá-la e adestrá-la na sua poética. Entre a filosofia e a psicanálise, vem se travando, desde então, uma luta entre incontáveis oposições,

2 Ascensão de classe e revolução de costumes como contexto do romantismo inglês.

3 *Sturm und Drang*, movimento de unificação do país, como contexto do romantismo alemão.

entre o conceito e a imagem, a prosa e o verso, a razão e a emoção, a certeza das verdades e a verdade das certezas, a visão sem imagens e as imagens visionárias.

Todavia, também achei necessário, como contraponto, retirar o *splitting* e indagar a possibilidade de uma origem inconsciente comum, ou um ponto onde ambas as disciplinas não estão separadas. Essa percepção não ficou ausente a várias tentativas de reunir filosofia e poesia, quer nos projetos românticos e modernistas de uma filosofia poética ou de uma poética filosófica, em poesias conceituais e concepções poéticas.

Por mais sedutoras que tenham sido e continuem a ser essas investidas de síntese ou aquelas de fazer aparecer a força criadora do hiato e da *cesura* entre ambas, mantém-se como premissa incontestada que a filosofia é a forma exemplar do *pensamento*, e a poesia é a expressão última do *sentimento*. Assim, reconhecer na poesia uma atividade de pensamento seria reconhecer sua parte filosófica, e descobrir na filosofia uma emoção seria atribuir-lhe uma parte poética, ou poesia.

A raiz filosófica da psicanálise, reconhecida por Freud, tem um desenvolvimento absolutamente original na *Teoria do pensar* de Bion (1962). Bion afirma que a psicanálise é uma resposta prática para questões filosóficas, ou seja, questões da vida, que os filósofos sabem colocar muito bem, entretanto, não podem dar a singularidade do sujeito da prática que sofre a soberana influência do inconsciente na vida mental.

Ao mesmo tempo, Bion diz que a relação entre a filosofia e a psicanálise precisa seguir a mesma ordem existente entre a matemática pura e a matemática aplicada, ou seja, a psicanálise precisa ter um campo definido por seus limites e possibilidades, e que seja regido por princípios epistemológicos que o afastem de crenças e hábitos vazios (Chuster, 2011; 2014; 2018).

A parte da matemática pura à qual Bion está se referindo são os *fundamentos da matemática*. Particularmente, os represento pelas

questões epistemológicas desenvolvidas pelo matemático austríaco Kurt Gödel (Braaz et al., 2014) sobre as proposições indecidíveis e o princípio da indecidibilidade da origem. Essas ideias são complementadas pelo teorema do terceiro excluído, que propõe um ponto de indecidibilidade (vazio) a ser preenchido por decisões interpretativas transitórias, criadas por detalhes de observação e imaginação criativa.

Na ciência, Werner Heisenberg (Asimov, 1986) aplicou essas ideias para criar o seu princípio da incerteza na física quântica,⁴ permitindo expandir a criação dos sistemas abertos, já apontados por Poincaré (Folina, 1992) para os sistemas vivos e dinâmicos.

Os *sistemas abertos* são espectrais, não lineares, não deterministas, não hermenêuticos, não diagnósticos, cuja existência a teoria da complexidade (Morin, 2003) classifica como uma forma ética universal de pensar, a ser seguida caso desejemos dar um futuro para a humanidade.

Existem muitos exemplos de sistemas abertos na obra de Bion: a teoria do pensar (1962), o objeto psicanalítico (1963), a grade (1963, 1965, 1977), a turbulência emocional (1976) e, sobretudo, o modelo observacional da cesura (1977).

Tentarei dialogar agora sobre como Bion, ao utilizar os sistemas abertos, evolui para um complexo *modelo de técnica psicanalítica*, que requer uma linguagem interpretativa que lhe seja adequada, e, por isso, se utiliza do paradigma da poesia que é um vigoroso exemplo de sistema aberto.

Como esse modelo de técnica faz a confluência de questões filosóficas, epistemológicas e estéticas da teoria do pensar (1962), preciso assinalar que a utilização do poético em Bion vai muito além de um estilo literário. Trata-se de um modelo de expansão da intuição e da imaginação na criação de muitos conceitos que emergiram na prática

4 Temos desdobramentos dos teoremas de Gödel nos sistemas computacionais e nas teorias do caos, dos fractais, da catástrofe e da complexidade.

psicanalítica. Nesse ponto, talvez possamos falar do poético como continente e da *poiesis* como conteúdo, fazendo contraponto com a intuição como conteúdo e a imaginação como continente.

Em poucas palavras, penso que Bion, ao aplicar essa relação continente/conteúdo na maioria de seus trabalhos, pode utilizar o que é mais profundo na ação poética – a *poiesis* –, sendo essa hipótese a que tentarei desenvolver a seguir.⁵

Para fazer isso, vou citar o que chamarei de poesia psicanalítica de Bion, e focalizá-la com o auxílio de dois poetas do século XX, Paul Valéry e Mario Quintana, e uma citação do sublime escritor brasileiro, não menos poético e profundamente filosófico, Guimarães Rosa. Eventualmente, adicionarei a poesia de Fernando Pessoa.

A matemática é a Linguagem da Realização ou de Restauração? O que é necessário não é uma diminuição da inibição, mas uma diminuição do impulso para inibir; o impulso para inibir é fundamentalmente a inveja dos objetos que estimulam crescimento. Deve-se procurar uma atividade que seja tanto a restauração de deus (a Mãe) como a evolução de deus (o informe, infinito, inefável, inexistente), que pode ser encontrado somente no estado em que não há memória, desejo, compreensão. (Bion, 1970)

a linguagem é uma porta aberta para o infinito. (Guimarães Rosa apud Pontes, 1998)

Aquele que escreve todo um poema numa noite de febre, não é um delirante febril, mas sim um sábio calculista,

5 Poderia chamar de teoria da *poiesis* psicanalítica, complementar a teoria do pensar de Bion.

quase um algebrista, aos serviços de um sonhador refinado. (Valéry)

sonhar é acordar-se para dentro. (Quintana, 2005)

Correlacionarei essas citações poéticas com alguns conceitos desenvolvidos por Bion em *Transformações* (1965), *Atenção e interpretação* (1970), e *Cesura* (1977). Tais conceitos, antes do mais, produziram uma guinada epistemológica que nos leva dos dois princípios freudianos de funcionamento mental para os três princípios de vida (Bion, 1979). Os três princípios são outro vigoroso exemplo da complexidade de um sistema aberto: (sentimentos) + (pensamentos antecipatórios) + (sentimentos mais pensamentos mais **P**ensamentos); sendo este Pensamento com **P** maiúsculo sinônimo de *prudência* ou *previsão na ação*.⁶

Os três princípios de vida, representando uma expressão ético-estética da *poiesis* psicanalítica (Chuster, 1999, 2003, 2011, 2014, 2018, 2020) são uma espécie de produto final das proposições que Bion desenvolveu em sua obra sobre o estado mental adequado para o trabalho analítico.

A primeira proposição veio da poesia modernista de T. S. Elliot (*Four quartets*, 1968): *trabalhar sem memória e sem desejo* (Bion, 1967).

A segunda proposição foi descrita pelo poeta romântico Keats como um estado mental necessário para alcançar a *performance* literária: *capacidade negativa* (Bion, 1970). Se pudéssemos dar uma

6 O termo *prudência* é usado por Aristóteles como a mãe de todas as virtudes, que se traduz por um continente ético para a estética das interpretações. Trata-se de uma ética de pensamento psicanalítico. A prudência dá à luz o que chamo de barreira de contato ética (Chuster, 2020), que se inicia com a sinceridade e seus desdobramentos na palavra, no caráter, na coragem, na compaixão e no respeito à verdade e à vida.

definição simples, seria a busca de um autor pela beleza estética, não se importando se fazem sentido. Trata-se do que podemos chamar de licença poética, uma abertura para a criatividade, uma expressão de *suprema empatia*.⁷

Bion (1975, p. 220) disse que Keats, com sua capacidade negativa, descobriu o princípio da incerteza. A afirmação de que um princípio matemático foi descoberto por um poeta, bem antes do físico quântico, nos leva às descrições de Bion (também ao poema de Valéry) sobre um ponto de *poiesis* que tentarei esclarecer adiante.

O analista, ao se situar frente a existência desse ponto de indecidibilidade (incerteza), tem uma experiência emocional pela qual procura alcançar a singularidade do analisando, e aí, se puder adotar como prática os três princípios de vida, se encontra, sempre de uma nova forma, diante da escolha⁸ da estrada de palavras (interpretação) a ser trilhada. Adiciono aqui a poesia de Bion: “a característica dominante de uma sessão é a personalidade desconhecida e não o que eu, o analisando ou o analista pensam que sabem” (1970, p. 96).

As palavras podem ser provenientes de muitas disciplinas, com a condição de seguirem um critério (prudência na ação) no campo analítico, ou seja, serem utilizadas para a observação do objeto psicanalítico em três áreas integradas: *mitos*, *sentidos* e *paixões* (Bion, 1962b, 1963). Em diversos trabalhos, mostrei que são integrações ético-estéticas (Chuster, 1999, 2003, 2011, 2014, 2018, 2020, 2021), que pensam o mundo de forma intuitiva, não discursiva, e que se opõem ao conceito de narrativa que usarei mais adiante.

7 Empatia é a capacidade para participar, experimentar e entender as ideias e os sentimentos de outras pessoas. Uma ferramenta de criatividade para entender pontos de vista diferentes do nosso.

8 Uso o verbo escolher no sentido descrito na poesia de Robert Frost: *The Road not Taken* (Chuster, 2018).

Encontrei em Hölderlin (Werle, 2005, p. 47) uma afinidade poética (Safransky, 2021) para o que acabei de dizer: o poeta ressaltando o vértice infinito da linguagem (da mesma forma que Guimarães Rosa), descreve uma “tripla natureza do *self* poético, pelo qual é possível operar a transição de um infinito determinado para um infinito mais geral”. A tripla natureza de Hölderlin é constituída pelo *sujeito* (paixões), *objeto* (mitos) e *humano* (sentidos).⁹

Keats, com a expressão *capacidade negativa*, estava se referindo a um ponto em que enfrentamos algo que não possuímos, algo que requer a capacidade de tolerar uma tripla natureza: as *incertezas*, *os mistérios e as meias-verdades*,¹⁰ com o critério de não ficar ansioso para entender e encontrar significado. As decisões executadas nesse ponto, por meio das palavras e da linguagem, resultam num *homem de êxito* (*man of achievement*) em literatura, que Keats exemplificou com Shakespeare e sua obra.

Bion (1970) trocou o substantivo homem pelo substantivo linguagem e postulou uma *language of achievement*, afirmando que a obra de Freud é um exemplo dessa linguagem. Não deveríamos, então, chamá-la de *linguagem de alcance psicanalítico*?

Bion (1970) também complementou suas ideias sobre a *language of achievement* usando a expressão *ato de fé*, o que significa que a linguagem psicanalítica deve intencionar a busca da verdade, não para encontrá-la, mas para que um ato de criação (*poiesis*)¹¹ se estabeleça (Nietzsche, 2001).

9 Se quiserem, podem levantar a hipótese de elementos comuns nos romantismos inglês e alemão.

10 São as três facetas do objeto psicanalítico: pré-concepção (incerteza), complexidade (mistérios), meias-verdades (espectro narcisismo-social-ismo).

11 Posso complementar esse aforisma nietzschiano com a famosa analogia de Fernando Pessoa da frase do general romano Pompeu: navegar é preciso, viver não é preciso. Pessoa disse: viver não é preciso, o que é preciso é criar. Que podemos entender como dar sentido à vida.

Utilizei o verbo “intenção”, não no sentido de um desejo, e sim de uma *invariância* (Bion, 1965), uma direção que podemos escolher baseada na surpresa que a experiência emocional nos causa.

Na prática psicanalítica isso significa que a escuta enfrenta diversos tipos de narrativas. Temos narrativas sobre o dia a dia das coisas da vida, discurso científico sobre os problemas do mundo físico, preocupações religiosas, narrativas históricas sobre eventos que ocorreram ou que se supõe estejam ocorrendo, discurso sociológico/político sobre as instâncias práticas da sociedade. Todavia, é necessário levá-los, com o uso da capacidade negativa, para uma direção do limiar que se aproxima do que pode ser o limiar do discurso poético. Se emergir uma interpretação desse limiar, esperamos que possa ser, se não uma *language of achievement*, tomando esta como absolutamente poética, pelo menos uma *linguagem de alcance psicanalítico*.

Penso que esse limiar pode ser também chamado de *cesura* (Bion, 1977), outro conceito vindo da poesia. O significado original é uma pausa no interior de um verso, mas trata-se de uma pausa que, ao mesmo tempo, separa e liga dois estados mentais distintos, uma pausa que produz continuidade e diferença.

Novamente surge a questão: como estabelecer um *critério* (como fazem cientistas e poetas) quando estamos trabalhando com psicanálise para diferenciar a *linguagem de alcance psicanalítico* da linguagem que é simplesmente poética. Mais adiante, incluirei a *linguagem de substituição* (Bion, 1970) nessa diferenciação.

Para tal diálogo, vou parafrasear Bion (1979) com duas perguntas: como tornar nossa escuta psicanalítica capaz de atingir o *limiar poético* (cesura)? Pode esse limiar nos tornar melhores analistas?

Existiria algo – em analogia com Hölderlin – que poderia ser chamado de um *self psicanaliticamente poético* (Chuster, 1996, 1997, 2014, 2018, 2020, 2021)? Aquele que opera com *capacidade negativa*, possibilitando inserir a intuição numa imaginação capaz de investigar a relação finito/infinito, até publicá-la em uma interpretação.

Por exemplo, posso utilizar nessa investigação um mito, um sonho ou um pensamento onírico. Talvez um não seja utilizado sem os outros.

Escolho então o *mito de Satã*, descrito por John Milton em *Paradise Lost* (a versão de Milton para o mito de Édipo¹²) como um modelo de linguagem de alcance psicanalítico para pensar no conceito de *transformação em O* (Bion, 1965). Ao fazê-lo, digo que adoto Fernando Pessoa: “o mito é o nada que é tudo”.

A riqueza imaginativa fornecida pela linguagem da queda mítico-poética de Satã mostra um personagem que, em virtude da curiosidade sobre sua personalidade, está constantemente caindo no espaço em direção a um infinito vazio e sem forma, e quanto mais ele cai, mais *cai em si mesmo*.

A expressão *cair em si mesmo* traduzo pelo subtítulo de Nietzsche em *Ecce Homo* (2019), “como chegar a ser o que se é”, ou como tornar-se o ser que verdadeiramente somos. Encontramos dificuldades em todos os idiomas para achar uma expressão adequada para a correlação entre ser e tornar-se. Tal dificuldade é típica da abertura das palavras para o infinito.

O tornar-se quem verdadeiramente somos é uma queda, uma *mudança catastrófica* (Bion, 1966), no sentido de que o estado anterior nunca pode ser totalmente reconstituído. Entretanto, apesar de toda atividade desconstrutiva, a queda é *poiética* – é uma forma de criação: uma *transformação*. O que é criado é precisamente o advento de um novo sujeito, nunca dado, mas duramente conquistado no curso de uma luta por liberdade interna.¹³

Em outras palavras, a função do mito, enquanto cria um *limiar poiético*, pode ser descrita, em primeiro lugar, como função *restauradora*

12 Aproveito para dizer que posso usar quaisquer aspectos do mito de Édipo.

13 Podemos entender esse movimento mítico-poético na linguagem de Bion como uma transformação de K->O (a transformação psicanalítica que pode ter como consequência uma transformação em O).

da intuição analítica. Mas trata-se também de pensar mais (*evolução*) sobre a afirmativa kantiana: toda intuição sem conceito é cega, todo conceito sem intuição é vazio, e de que forma juntar os dois.

Intuição e conceito são vinculados num espaço-tempo de resultados incertos. É nesse espaço de incerteza que podemos encontrar uma importante contribuição de Bion. Ele foi além de Kant quando deixa implícito que intuição e conceito são ligados por meio da *imaginação* (Chuster, 2020; 2021).¹⁴

Em *Elementos de psicanálise*, Bion (1963) define o mito como uma forma básica de *pré-concepção* e um estágio pelo qual o conhecimento individual é comunicado ao grupo: uma *publicação*. Seguindo Hölderlin, trata-se da tripla natureza da linguagem passando de um *infinito* individual para o geral.

A pré-concepção abre o caminho para a vida mental, por meio da realização que gera concepções e conceitos. A realização expressa um *pensamento antecipatório*¹⁵ (Bion, 1979), um movimento transitório.

Como linguagem matemática, a *linguagem de realização*, é uma sucessão de conjuntos infinitos se combinando, criando um futuro, ao permitir a escolha de uma direção onde um padrão simbólico será encontrado (Matte-Blanco, 1977). Todavia, o padrão encontrado, que podemos chamar de *linguagem de restauração*, não perde a incerteza antes presente na pré-concepção, ou naquilo que ela contém de representação da *complexidade da vida*, criando uma inevitável tensão.

Essa tensão, ou *turbulência emocional* (Bion, 1987), é comum a toda criação. Quando consideramos as alterações na observação

14 A imaginação, bem trabalhada no texto *Transformações* (Bion, 1965) se refere à criação de um modo que nenhuma filosofia, com exceção de Castoriadis (que era também psicanalista) dá conta. Todos falam de produção, desde Kant até Marx. A criação implode a ontologia tradicional, que é uma ontologia determinística, onde se exclui a possibilidade de novas determinações.

15 Um dos três princípios de vida descritos por Bion (1979).

produzidas pelo observador, a tensão fica maior, e faz-se imperativo considerar que, de fato, somente em um passo à frente, no futuro que ainda não aconteceu, é que encontramos uma continuidade de pensamento ou mesmo o pensamento em si.

Pode parecer uma contradição se digo que o que penso não está no presente, mas no amanhã que ainda não aconteceu. Entretanto, tal contraditório existe apenas no determinismo psíquico, não na teoria da complexidade pela qual se acolhe as hipóteses mais imaginativas e fictícias, como também aquelas que constituem o lugar-comum.

Posso aproximar tais afirmativas do “misticismo filosófico” notavelmente representado por William Blake. Blake certamente não era filósofo, mas enquanto poeta, era um visionário, e assim evolui para restaurar um ponto onde não se pode separar a poesia da filosofia, ao dizer: “Eu escrevi esse poema ao mesmo tempo sem nenhuma reflexão e contra a minha vontade... não fui nada mais do que um secretário. Os autores permanecem na eternidade” (Blake, 2008).

De certa forma, Blake está se livrando de suas memórias e de seu desejo para explicitar o que causa o seu ato poético: linguagem de restauração ou realização?

Em *Casamento do inferno com o céu*, Blake (2008) afirma que a razão pela qual Milton escreveu *Paraíso perdido* foi o fato de ter tanto de poeta verdadeiro, “quanto de parte com o Diabo sem o saber”. Observe-se que a visão artística e literária de Blake apreende o processo de criação associando a queda do conhecimento prévio, mostrando que não é o conhecimento que nos faz mudar, mas o enigma que nos invade. Esse enigma é “O”, que é tanto um *Onthos* quanto um *Opus* (Chuster, 2014; 2018; 2021).

Esclareço: quando tentamos encontrar uma linguagem para expressar o *enigma*, ela estimula o pensamento enquanto abre para as *emoções*, que são subjetivas e nada acrescentam às narrativas sobre o mundo. O resultado necessariamente não aumenta conhecimento, embora possa ser um prelúdio para o espaço do ser por meio dessas emoções.

Suponha, no entanto, que o discurso narrativo usurpa nossas observações, substituindo o que poderia fazer emergir a experiência emocional (Bion, 1962). Nesse caso, torna-se uma *linguagem de substituição*. Ela substitui a ação e não é prelúdio; ou seja, retira o potencial criativo da pré-concepção, podendo transformar-se em crenças e dogmas, e inibir a matriz amorosa geradora do prelúdio e da ação (Bion, 1970).

Narrativas são sempre o produto de memórias e desejos, obscurecem o enraizamento primário do ser e endossam uma visão não crítica da realidade que se transforma em um conceito de *verdade-adequação* – que coincide com a produção de falsidades e mentiras.

Para ir numa direção diferente das narrativas, preciso da *poiesis*, e para expandir a afirmativa, vou citar, mais uma vez, Fernando Pessoa, com o pseudônimo de Alberto Caeiro.

*Se algumas vezes eu digo que as flores sorriem
E se digo que os rios cantam
Não é porque eu penso que existem sorrisos nas flores
E canções nos rios
É porque desta forma, eu faço os homens falsos sentirem
A real existência de flores e rios.*

Adoto a poesia citada como modelo de descrição do espectro reverie/função alfa para a seguinte situação no trabalho do analista: quando entramos em contato com o paciente na sala de espera, ele nos permite sentir o cheiro do movimento, a cor do silêncio, o gosto da presença, o som da pele, o ruído do olhar. Não sabemos o que captamos nesse mundo infrassensorial/sensorial até nos instalarmos na poltrona e, com esse prelúdio para a sessão, entramos no simbólico do ato analítico. Acaso e escolha se unem nesse ponto de indecidibilidade.

Não existe nada de científico nessa descrição da realidade captada; eu não coincido comigo mesmo quando sigo essa forma de pensar. Eu

discordo do comum, da forma coloquial, da lógica trivial, entretanto, essa não coincidência é de onde surge a *exatidão* da linguagem psicanalítica. Posso exemplificar essa não coincidência nas passagens de *Memória do futuro* (1975), onde existe o diálogo entre *Bion*, *Myself* e *P. A.* Os três não coincidem. *Myself* informa *algo* à *Bion* que não coincide com *Bion*, que precisa publicar essa informação como *P. A.*, também não coincidente com *Bion* ou *Myself*. Trata-se de um *inevitável sonhar*, que, como disse Quintana, é um *acordar-se para dentro*.

A *linguagem de alcance psicanalítico* é uma espécie de poética da exatidão porque fala de *sentimentos*. Os sentimentos têm precisão matemática, assim explicitou *Bion*, e criam uma cesura que é como uma diferença transcendental para um momento específico do vínculo analítico. Volto aqui ao poema de Valéry quando o matemático fica à serviço de um sonhador refinado.

Utilizo a expressão *diferença transcendental* como um sinônimo pessoal para o enigma, para “O” ou para a pré-concepção. A expressão propõe um diálogo sobre a psicanálise em *Bion* como uma *prática da transcendência* cuja *poiesis* nos tira da ética dramática voltada para a morte e nos traz para o contexto de uma linguagem que tem a matriz amorosa pela verdade (*Bion*, 1970).

As afirmativas anteriores me levam a propor para a psicanálise o adjetivo de *atividade prático-poiética* (Chuster, 1997; 2006; 2021). Penso que essa é a mais antiga definição da *techné*, aquela que está em Homero,¹⁶ significando o decifrar de um *enigma* que faz trazer algo à tona (Chuster, 1997; 2014; 2018; 2021), ou faz ser – sem perder o vigor do enigma – o que era para vir a ser.

16 O surgimento da poesia de Homero, como infância da humanidade, assinala uma disjunção. Entusiasmado pelo fogo de Apolo, o poeta toma um gole de água sóbria roubada do cântaro de Juno. A cisão que lança contradições é a mesma que traz a liberdade.

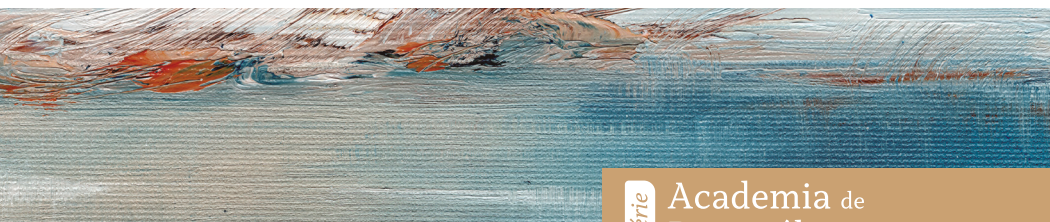
A psicanálise é *prática* porque seus participantes são parte ativa no processo, sendo o analisando o agente principal de sua transformação.

A psicanálise é *poiética* porque é criativa, seu resultado confere uma nova forma de se relacionar com o inconsciente, promove o uso da estética das emoções na descrição do mundo e nos leva também ao universo ético-estético da *liberdade de pensamento*.

Para finalizar, cito Bion (1965) dizendo que a interpretação deve fazer algo mais do que aumentar o conhecimento do analisando sobre si mesmo. Esse algo mais, fornecido pela estética das emoções e pela ética da sinceridade, pode, ao favorecer o tornar-se o ser que verdadeiramente somos, gerar algo que melhora a qualidade da vida psíquica. Contudo, quando digo “pode” é para não dizer que não falei da incerteza (ou de flores e rios).

O vinho de safra especial demanda muitos anos para revelar a complexidade dos seus aromas e delicadas nuances. Este é um livro escrito recentemente, no entanto, a partir da experiência de cinquenta anos de estudo da obra de W. Bion, no qual os autores estão entrelaçados de tal forma que já não sabemos onde lemos Bion ou Chuster leitor de Bion. O psicanalista é brindado com um texto que é em si uma linguagem de alcance psicanalítico, da qual saímos transformados pela leitura, e não sabemos ao certo como isso aconteceu, pois nos convoca na intimidade de nossas emoções e pensamentos ainda não pensados. O encantamento continua a cada capítulo de um texto experiência: erudito, rigoroso, criativo, complexo e poético.

Marina F. R. Ribeiro



série

Academia de
Psicanálise

COORD. MARINA F. R. RIBEIRO

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2217-0

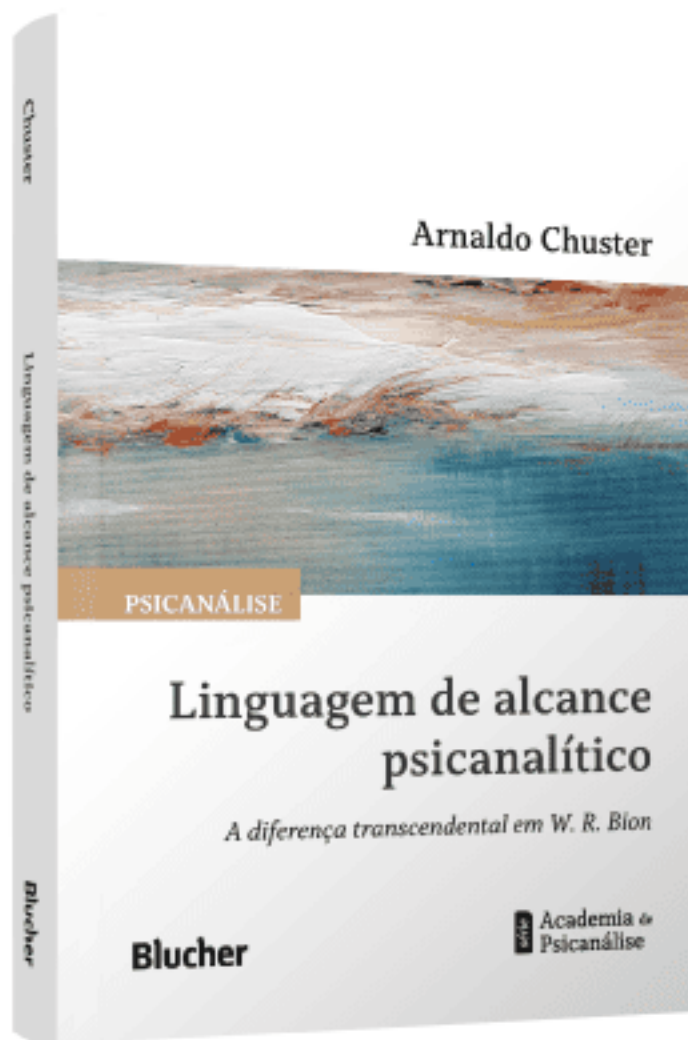


9 788521 222170



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Linguagem de alcance psicanalítico

A diferença transcendental em W. R. Bion

Arnaldo Chuster

ISBN: 9788521222170

Páginas: 352

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2024
